

19-2-60 - O Globo

A CRÔNICA de *Rubem Braga*

CHESSMAN

NO MOMENTO em que escrevo parece não haver mais nenhuma esperança para Chessman; é provável que êle esteja morto quando esta crônica chegar aos olhos do leitor.

Seu caso é dêsses que levantam um muro entre a nossa inteligência e sensibilidade e os americanos. Mais do que monstruosa, é incompreensível para nós essa dureza implacável da justiça americana em relação a um homem que passou 11 anos de agonia, lutando pela vida, estudando e se reformando. Não entendemos. Como é que um povo de tanta boa-fé e generosidade como êsse, de qualidades humanas tão simpáticas, pode ter uma justiça de uma insensibilidade tamanha? Se a pena de morte já nos repugna, a sua aplicação nesse caso nos parece de um sadismo insuportável, desumano.

Não temos nada com isso. Chessman é americano, suas vítimas também, seus juizes também, seus carrascos também — e tudo se passa nos Estados Unidos. Mas a verdade é que essa história nos dá um frio, uma angústia sêca, um mal-estar — como se no sorriso aberto, quase infantil e generoso de Ike descobrissemos, de repente, um ricto de crueldade e mesquinharia.